

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NA POESIA DE ELISA LUCINDA

Douglas Rodrigues de Sousa¹

A nossa escrivência não pode ser lida como história para “ninar os da casa-grande” e sim para acordá-los de seus sonos injustos. (Conceição Evaristo)

A poesia é uma das mais antigas formas de expressão lírica da humanidade, atravessando milênios e sempre atingindo uma renovação na temática motivada pelos sujeitos de cada época que as compõem. De acordo com cada tempo, com as relações engendradas em cada sociedade, ou mesmo de como se dá ou se davam as tramas amorosas e as cabeças dos amantes, a poesia sempre esteve presente. Para Konder (2005, p. 14) “a poesia tem trazido para os homens elementos sensíveis preciosos para eles se conhecerem melhor, para um incessante *descobrimento* – e uma constante *invenção* - de si mesmos”.

Dessa forma, a poesia, além de possuir um caráter de expressão artístico, da palavra manifestada na forma de arte, também, como sugere Konder, funciona como uma forma de descobrimento e de invenção de nós próprios. Desse descobrimento e invenção de nós próprios, como acima sugere Konder, temos para alguns segmentos essa utilização da palavra mais que um simples objeto artístico ou de lirismo que venha a acalantar os ouvidos dos leitores comuns. Mas de uma poética subversiva, valente e destemida que ousa bradar contra os preconceitos e discriminações que a mulher negra sofre, herdados desde um passado colonial e que persistem ainda nas estruturas presentes da sociedade atual. É o que se pode dizer da poesia negra, que se utiliza de todo o recurso poético para expressar e combater as diversas formas de preconceito, espoliação, discriminação e estereótipos que determinados segmentos de nossa sociedade enfrentam em seu cotidiano.

1 Mestrando em Letras, na Universidade Federal do Piauí — Área de Concentração: Estudos Literários — douglasmiti@hotmail.com

Se “há algo de espantoso no fato de que essa criação seja a criação de nós mesmos, da nossa realidade” (KONDER, 2005, p. 14) ao tratar do poder de criação poética, claro, advindo do poeta, estamos diante de uma poesia que tenta criar uma nova realidade e representação da figura feminina negra frente aos processos discriminatórios que sofreu ao longo da história.

Elisa Lucinda, poetisa negra, com versos negros, apresenta ao seu leitor uma poesia que se rebela e se revela com todo um lirismo subversivo, de um eu-lírico feminino negro, não mais resignado diante da discriminação e estereotipia aplicadas à figura feminina negra. Seus versos retratam a figura e os traços identitários da poesia negra feminina contemporânea, do sujeito negro que utiliza das palavras para manifestar seu protesto e sua resistência diante das ações preconceituosas para com a figura da mulher negra e dos sistemas existentes em criá-las.

A poesia de Lucinda sugere uma compreensão identitária, étnica e de gênero, que acende os debates e discussões da poesia contemporânea e de seus sujeitos que não mais se resignam ou deixam para outros fazerem a expressão do que eles próprios sentem.

Lucinda é, pois, uma mulher negra, que utiliza os versos para manifestação de uma lírica de rebeldia, de antirracismo, de libertação feminina e de definição dos novos papéis de gênero na sociedade, que afirma traços identitários marcantes no que diz respeito à mulher negra brasileira. “Em outras palavras, o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir [...]”. (FANON, 2008, p. 96). E essa existência e consciência negra, como sugere Fanon, é vista e reinventada em seus versos.

A partir da leitura de alguns poemas elisianos, empreendemos uma análise destes com base em teorias que abordam o sujeito negro e a construção de sua identidade como mecanismos de expressões antirracistas e da afirmação do sujeito mulher negra presente na poesia de Elisa Lucinda.

Como base teórica para a presente análise, utilizamos das principais teorias de autores que abordam a temática da identidade, negritude, da poesia de expressão negra e do sujeito feminino. Autores como Bhabha (2005), Fanon (2008), Ferreira (2004, 2005), Ferreira (2000), Hall (2005) dentre outros que foram utilizados quando preciso para a fundamentação do presente trabalho.

Com a renovação e papel da nova poesia do século XX, destaca-se o da poesia identitária, vozes dos grupos excluídos da literatura, que a utilizam como forma e função social de denúncia e apresentação das temáticas que revelem os preconceitos, lutas, anseios e percalços de quem está posto à margem das ordens estabelecidas.

Sendo assim, em suas diversas significações, as obras literárias revestem-se de um significado histórico-cultural. Isto se dá Segundo Reis (1999, p. 21), “em conexão direta com a sua capacidade para dialogarem com a História, com a Sociedade e com a Cultura que as envolvem e que enviesadamente as motivam”.

Desse diálogo existente entre a Literatura e a História, a Sociedade e Cultura, como acima explicitado por Reis (1999), grupos foram excluídos da literatura brasileira e não há como deixar de citar as mulheres e os negros, o que, segundo Reis, acontece por se tratar:

[...] de uma sociedade em que os grupos tradicionalmente minoritários, nos planos cultural, social e étnico – mulheres, homossexuais, negros, índios – foram gradualmente adquirindo a possibilidade de contestar uma matriz cultural de ascendente masculino e de proveniência européia, conquistando, com essa contestação, um efetivo reconhecimento acadêmico. (1999, p. 21, grifos postos).

Nesse sentido, autores contemporâneos voltaram-se para a elaboração de suas obras utilizando-se das “circunstâncias do seu meio”, tendo como matéria de criação seus próprios valores, volições, questões

identitárias e suas representações diante do mundo. Diríamos, portanto, que o negro buscou adquirir a capacidade de contestar não somente contra uma matriz étnica branca e dominante que o oprimia, como também contra uma matriz literária em torno de sua representação na literatura.

Essa literatura que assume características identitárias, engajada com seu tempo e que se entrelaça a vários fatores sociais, é o cenário no qual desponta Elisa Lucinda. Tendo uma produção literária com diversas abordagens temáticas como o amor, a sexualidade, o erotismo e os fatos do dia a dia abordados com uma linguagem simples, coloquial e fluida. Sua produção literária divide-se em contos e poesias.

Segundo Silva (2008, p. 02):

No atual cenário da poesia brasileira, a poesia de **Elisa Lucinda encontra-se na contramão da tendência dominante**, em que os poetas parecem estar mais preocupados em demonstrar virtuosismo no domínio de técnicas e estilos já consagrados, sem compromisso com qualquer bandeira estética ou política [...] (grifos postos)

É na contramão da poesia dominante que se encontra fixada a obra de Elisa Lucinda, pois sua poesia tem um compromisso com uma bandeira estética e política. Não só negra, mas da mulher negra em que “a afirmação da sexualidade feminina se entrelaça com a afirmação de uma identidade negra” (Ibidem, p. 05). A estética elisiana enquadra-se no que Silva (2001, p. 55) diz ser “um novo feminismo que pretende a busca da identidade feminina em lugar da igualdade com os homens e, principalmente, o desejo dessa identidade ter voz”.

As obras de Elisa Lucinda, em especial sua poesia, afirmam e constroem a identidade da mulher afro-brasileira, tendo um sujeito feminino e um “eu-lírico” de expressão negra. Como em seus poemas *Ashell*, *ashell pra todo mundo*, *ashel* e *Mulata exportação* em que as personagens negras rebelam-se contra as práticas de preconceito racial e se autoafirmam enquanto mulheres negras. A autora proclama nesses poemas um discurso

contra a discriminação racial, pois “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”. (FOUCAULT, 1971, p. 02).

Dessa fuga das ordens dos discursos literários, estabelecidos com suas poéticas previsíveis, que Lucinda rompe com o seu estilo inovador de poesias que trazem uma mulher negra e sua afirmação identitária enquanto tal, pois a “autora desentranha poemas encorpados de crenças, desejos e emoções, onde sai o particular feminino, como também o mundo-nação de um povo, de uma raça”. (SILVA, 2001, p. 67).

Esse discurso contra a discriminação racial, que a escritora em questão levanta em suas obras, imbrica-se com a construção da identidade feminina da mulher negra em sua poesia. Nesse sentido, Ferreira (2000, p. 48), quanto às questões da identidade dos afrodescendentes, afirma:

ser a identidade uma categoria efetivamente importante para compreendermos como o indivíduo se constitui, determinando sua auto-estima e sua maneira de existir. Nesse sentido, é fundamental, para a compreensão da problemática do afrodescendente, o conhecimento da maneira como ele desenvolve sua identidade, principalmente em contextos sociais adversos, em que é discriminado negativamente.

E Lucinda caminha nessa linha da mulher negra, afrodescendente e constrói a sua identidade por meio de sua poética que revela versos contra a discriminação racial, os preconceitos e as diversas formas de como a mulher negra é vista na sociedade, que é retratada por sua visão poética literária. Sobre as peculiaridades da escrita feminina negra Ferreira (2005, p. 27) ressalta que:

De fato, a escrita feminina negra tem suas peculiaridades, seu próprio viés que é inerente à maneira de ser das afrodescendentes, à visão de mundo e anseios. A escravidão

na Diáspora, preconceitos, estigmas e a condição da mulher negra na sociedade contemporânea diferenciam, em vários aspectos, a escrita feminina afro-brasileira da escritora branca e mesmo dos autores negros.

Nesse sentido, de uma escritura que luta e expressa os preconceitos, estigmas e a condição da mulher negra que a estética elisiana assume cunho militante levanta a bandeira afrobrasileira na construção de uma identidade negra, mesmo que os contextos sociais sejam os mais adversos. Sendo assim, “os textos de Elisa mostram a luta da mulher negra para participar, ter voz e vez, enfim, exercer em toda a sua plenitude o seu direito à cidadania, sem deixar de se dizer e de ver conforme suas tradições” (THEODORO apud SILVA, 2001, p. 15).

É no capítulo intitulado Descobrimento de Brasis, do livro *O Semelhante* (2007), que encontramos, dois dos principais poemas de Elisa Lucinda, que versam sobre a construção e afirmação da identidade da mulher negra em seus versos. Ambos os poemas, *Ashell*, *Ashell Pra todo mundo*, *Ashell* e *Mulata Exportação*, têm em comum a expressão de um sujeito feminino negro que se depara em situações nas quais sua condição de mulher negra é posta em questão, seja como um fator apenas de interesse sexual, ou como a luta ou barragem de determinados espaços por ser mulher negra. E ao tempo que ambos os sujeitos, presentes nestes poemas, se rebelam contra as práticas racistas e discriminatórias, vão afirmando sua identidade negra e demonstrando sua consciência diante da problemática enfrentada pela mulher negra brasileira.

Os sujeitos desses poemas, afirmam, portanto, sua afro-brasilidade, por meio de elementos da história, da memória, da condição social e sobretudo da identidade da mulher negra brasileira. Pois conforme Hall (2005), a identidade se define por meio de uma “celebração móvel” e se dá então “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p. 13). E ainda, completa o teórico que a identidade “é definida historicamente, e não biologicamente”.

No poema *Ashell, Ashell, pra todo mundo, Ashell* – Elisa Lucinda apresenta um sujeito negro que se depara com questões sociais de sua negritude. Com os sistemas de barragem social existentes, segundo Moura (1988), pela questão da cor de sua pele. Uma mulher negra que vendo um anúncio de emprego procura enquadrar-se ali, mas logo tem sua possível admissão barrada, porque “tinha destino de preto”, podendo então “comprometer o produto”.

Ela viu um anúncio da cônica para todas as mulheres do mundo...
Procurou, não se achou ali. Ela era nenhuma.
Tinha destino de preto.
Quis mudar de Brasil: ser modelo em Soweto.
Queria ser realidade. Ficou naquele ou eu morro ou eu luto...
Disseram: Às vezes um negro compromete o produto.
Ficou só. Ligou a TV
(LUCINDA, 2007, p. 171)

Nesse poema, o sujeito lírico, além de deparar-se constantemente com uma sociedade que é feita por e para brancos, vê todos os seus direitos no que diz respeito ao pertencimento ao mundo, na igualdade de condições e participação social, sendo uma delas a busca por emprego, negada.

Deparando-se com um Brasil que não a aceita pela cor de sua pele, que cria barreiras e discursos de afirmação negativa de sua condição de mulher negra, temos ainda nesses versos elisianos, o reforço dos estereótipos da mulher negra, sendo apontada, ou servindo apenas a algumas funções, a outras como trabalhar na cônica, não.

Ela, bonita... saiu. Perguntaram: Você quer vender bombril?
Ela disse não.
Era carnaval. Ela, não-passista, sumiu
Perguntaram: empresta tuas pernas, bunda e quadris para um clip-exportação?

Ela disse não.
Ela dormiu. Sonhou, penteando os cabelos sem querer
se fazendo um cafuné sem querer
Perguntaram: você quer vender henê?
Ela disse nãããã.
Ficou naquele não durmo não falo não como...
Perguntaram: você quer vender omo?
Ela disse NÃO.
(LUCINDA, 2007, p. 171)

Encontramos nos versos de *Ashell, Ashell, pra todo mundo, Ashell* diversos estereótipos e visões historicamente construídas acerca da figura da mulher negra, estereótipos reforçados e passados adiante por meio de estratégias discursivas construídas e reforçadas pelo colonizador. Nesse sentido, Bhabha (2005) diz que uma das estratégias discursivas de “fixidez” da hegemonia colonial se dá por meio da criação de estereótipos, sendo que para ele:

Este é precisamente o tipo de reconhecimento, espontâneo e visível, que é atribuído ao estereótipo. A diferença do objeto da discriminação é ao mesmo tempo visível e natural – cor como *signo* cultural/político de inferioridade ou degeneração, a pele como *identidade* natural. (p. 123).

Temos, por exemplo, esses estereótipos representados, além da cor da pele, por outros elementos do fenótipo negro, como os cabelos e a estereotipia da mulata libidinosa de pernas e bundas bonitas.

Não aceitando essa condição, de mulher negra discriminada e condenada pela cor de sua pele, o eu- lírico do poema de Lucinda, não se conformando em ficar apenas com a TV, rebela-se e vai à luta, pois deparando com a ideia de que “ela era nenhuma” e que “tinha destino de preto”, somente duas possibilidades lhe cabia: “Ficou naquela ou eu morro ou eu luto...” (LUCINDA, 2007, p. 171). Mas se de repente “amanhecesse loira, cabelos de seda shampoo” (p. 171) sua realidade poderia mudar, “mas a sua cor continua a mesma” (idem.)

Acerca desse ir à luta, dessa arena de conflitos e combates que constantemente o sujeito negro é posto à prova, inclusive pensando em aderir à ideologia do branqueamento para sobreviver, Fanon tem o seguinte posicionamento, diante dessa problemática que aflige o sujeito negro, apontando que este:

[...] não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais. (2005, p. 96).

Portanto, deparando-se com a sua condição de mulher negra discriminada e muitas vezes não aceita pela cor de sua pele e vista muito mais por seus estereótipos, a poetisa, demonstra no fim de seus versos as armas necessárias de luta contra os sistemas de barreiras sociais existentes para com os negros e as ideologias do branqueamento impostas a esses, sendo assim, o eu-lírico expressa-se dizendo:

Tenho que ser sábia, tinhosa, sutil...
Ir à luta sem ser mártir.
Luther marketing
Luther marketing... in Brasil.
(LUCINDA, p. 172)

Em outro poema, *Mulata Exportação*, nessa mesma linha temática do poema acima, Elisa Lucinda aborda também a figura feminina negra que se rebela contra as vontades do homem branco que a vê como produto de uso sexual. Porém, um ponto ainda mais importante de análise desse texto, é que ele nos remete diretamente ao passado colonial e escravocrata cuja

raça negra sofreu e de como esse passado histórico-colonial sobrevive até hoje representado e fundamentado no discurso do opressor.

Nesse poema, encontramos duas vozes, a da mulher negra que se mostra inconformada com a fala do homem branco que a vê como produto de desejo e cobiça, e a outra é a fala do homem branco que tenta de todas as maneiras convencer a negra a servir suas vontades sexuais. Como argumentos ele se utiliza de um discurso colonial invocando fatos do passado histórico do negro na sociedade brasileira como tarefas, favelas, senzala, a saber, nos versos:

Vem nega, vem ser minha desculpa
Vem que aqui dentro ainda te cabe
Vem ser meu álibi, minha bela conduta
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
(Monto casa procê mas ninguém pode saber,
entendeu meu dendê?)
Minha tonteira minha história contundida
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu
gelol?
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improviso, seu
karaoquê;
Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que
me mexer
Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais
vai doer.[...]
(LUCINDA, 2007, p. 184)

A “história contundida”, evocada pelo sujeito masculino que fala no poema *Mulata Exportação*, demonstra o passado colonial de submissão, opressão e exploração que os negros passaram no Brasil, e a mulher negra além de prestar serviços de ordem doméstico entre outros também eram obrigadas a prestar serviços sexuais aos seus senhores. E essa visão historicamente construída a respeito da mulata sensual é apresentada nos versos afro-brasileiros de Elisa Lucinda, pois segundo Salgueiro (2006, p. 237):

[...] através da Literatura, a mulher afro-brasileira pode vir a revelar seu verdadeiro “eu” e acentua que em tal processo, pode vir também a desafiar imagens negativas estereotipadas e distorcidas apresentadas tanto por escritores do passado como do presente, como a imagem da “mulata sensual”.

Em consonância às ideias do novo sujeito expresso pela literatura de cunho feminino afro-brasileiro, que desafia as imagens negativas antes expressas dessas mulheres (SALGUEIRO, 2006), a segunda voz que se manifesta no poema é de um sujeito feminino negro que, diante da afronta sofrida, manifesta sua insatisfação e recorre aos seus direitos de mulher, negra, e afirma seus traços identitários, reafirmando e ressignificando sua história e seu passado colonial, construindo por meio dessa história e memória sua identidade de mulher negra assumida, e que por isso não se rende aos caprichos de um “branco mal resolvido” (Lucinda, p. 184).

Imagem: Ouvei tudo isso sem calma e sem dor.
Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”
E o delegado piscou.
Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena
pena
com cela especial por ser esse branco intelectual...
Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade,
Genocídio
nada disso se cura trepando com uma escura”!
Ó minha máxima lei, deixai de asneira
Não vai ser um branco mal resolvido
que vai libertar uma negra:
Esse branco ardido está fadado
porque não é com lábia de pseudo-oprimido
que vai aliviar seu passado.
Olha aqui meu senhor:
Eu me lembro da senzala
E tu te lembras da Casa-Grande
E vamos juntos escrever sinceramente outra história

Digo, repito e não minto:
Vamos passar essa verdade a limpo
porque não é dançando samba
que eu te redimo ou te acredito:
Vê se te afasta, não invista, não insista!
Meu nojo!
Meu engodo cultural!
Minha lavagem de lata!
(LUCINDA, 2007, p. 184-185).

É valendo-se de elementos da história e da memória para fundamentar sua defesa e “passar essa verdade a limpo”, que o sujeito dos versos acima afirma sua identidade negra, uma característica bastante presente na poesia negra. Acerca dessas construções feitas pelo sujeito negro em sua poética, Ferreira (2004, p. 31) diz que a “identidade e memória andam lado a lado, percorrendo caminhos que se bifurcam na encruzilhada dos tempos presente, passado e futuro”. Essa particularidade está presente também na forma, segundo Fanon (2008), na associação aos seus ancestrais. “Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer” (LUCINDA, 2007, p. 184). Dessa associação ao passado escravocrata, aos seus ancestrais negros que foram escravizados. E como resposta o sujeito feminino negro assim lhe responde:

Olha aqui meu senhor:
Eu me lembro da senzala
E tu te lembras da Casa-Grande
E vamos juntos escrever sinceramente outra história
Digo, repito e não minto:
Vamos passar essa verdade a limpo

Esse convite a “escrever sinceramente outra história” vem a demonstrar também a não resignação do sujeito oprimido diante do homem branco que tenta de todas as formas usá-la como produto sexual, inclusive como argumento se remetendo ao passado por meio da associação da mulher negra, de seus ancestrais. Nesse sentido Fanon (2008, p. 106) diz que “alguns me associavam aos meus ancestrais escravizados linchados: decidi

assumir”. É assumindo sua negritude, sua identidade de mulher negra, de que seus ancestrais foram sim escravizados, oprimidos e espoliados que ela lhe dá a resposta. Ao mesmo tempo em que isso é feito, o sujeito feminino negro deste poema também reafirma, escrevendo poeticamente uma outra história, sua identidade negra feminina. Pois,

a poesia negra é um discurso de fronteira que se propõe a recuperar a identidade, a história, a memória, ‘a imagem-lembrança’ dos nossos antepassados negros, abrindo caminhos para a reconstrução da identidade e a auto-estima de homens e mulheres da diáspora negra nas Américas. (FERREIRA, 2004, p. 31).

E como desfecho do poema *Mulata Exportação*, temos um sujeito de enunciação que finaliza em tom de deboche e de pleno domínio de sua consciência negra, que se apropriando de elementos da sua história e memória negra, pela associação aos seus ancestrais como explicita Fanon (2008), este constrói sua identidade de mulher negra, e posiciona-se contra os discursos racistas, resistindo às vontades dos brancos com argumentos suficientes para bradar:

Vê se te afasta, não invista, não insista!
Meu nojo!
Meu engodo cultural!
Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,
Não é comer uma mulata!
(LUCINDA, 2007, p. 185).

Elisa Lucinda está no segmento das escritoras negras que contribuem a partir de sua escritura para a constituição da identidade afrodescendente, da identidade da mulher afro-brasileira. A partir dos versos elisianos, o leitor é transportado para uma escritura que carrega toda uma carga identitária e de uma resistência às ideologias racistas e estereotipadas que marcam o sujeito negro em decorrência de um passado colonial. A poética em questão

traz elementos e artifícios particulares, por se tratar de duas delicadas identidades: negra e feminina. Ao tempo que temos um sujeito em seus versos, que é visto pelo viés de sua sexualidade sofrendo de uma opressão e tentativa de dominação masculina, temos também e junto a isso, uma mulher negra que é vista com a carga de estereótipos e marcas históricas, por um sistema de estruturas racistas.

Dessa forma, por essas duas principais identidades representadas numa só poética, temos versos que revelam duas vozes rebeldes e contestatórias, que se expressam contra a opressão e preconceito para com o sujeito negro e feminino, versos que se dão pelo duplo desafio e problemática de carregar em si identidades historicamente negadas por uma sociedade racista e sexista.

Podemos então dizer que encontramos nos versos elisianos uma poética que além de contemporânea traz todo um significado de afirmação identitária por meio da escrita da mulher afro-brasileira, que se valendo de recursos da memória, da identidade e da história, e além, é claro, da própria palavra, vai se construindo uma identidade da mulher negra brasileira, que não resignada e resistente assume o controle de sua poética, expressando e criando seu próprio lugar na literatura, dando novos contornos e reescrevendo uma nova história possível na Literatura Brasileira contemporânea.

Temos, pois, uma “escrevivência”, nos termos da escritora Conceição Evaristo, de resistência e identidade de uma mulher negra, que não nina em seus versos os da casa-grande, sim os faz acordar de seus “sonos injustos”.

Bibliografia

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: UDUFBA, 2008.

FERREIRA, Elio. Identidade e memória na poesia negra de Solano Trindade e Langston Hughes. In: CORDIVIOLA, Alfredo; SANTOS, Derivaldo dos; CABRAL, Valdenides. (Orgs). **As marcas das letras**: sujeito e escrita na teoria da literatura. João Pessoa: Idéia, 2004.

_____. A escrita feminina da mulher negra: uma leitura da “carta” da escrava Esperança Garcia e de poemas de autoras afro-brasileiras do Quilombhoje. In: LIMA, Wanderson. **Saqueadores de hegemonia**: ensaios sobre literatura e cinema. Teresina: Amálgama, 2005.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente**: identidade em construção. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&L, 2005.

KONDER, Leandro. **As artes da palavra**: elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005.

LUCINDA, Elisa. **O semelhante**. São Paulo: Record, 2007.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1999.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Identidade e literatura afro-brasileira contemporânea. In: **Identidade e literatura**. JOBIM, José Luis; PELOSO, Silvano.

(Orgs). Rio de Janeiro: Roma: de Letras/Sapienza, 2006.

SILVA, Assunção de Maria Sousa. **Imagens femininas na escrita pós-moderna de Elisa Lucinda uma leitura de O Semelhante**. Dissertação de Mestrado em Ciência da Literatura. Rio de Janeiro. UFRJ, Fac. de Letras, 2001.

SILVA, Marciano Lopes e. **Lilith balangandã: feminismo e negritude na poesia de Elisa Lucinda**. II Congresso Nacional de Linguagens em Interação. ISSN: 1981-8211. Maringá – PR.